

NÚCLEO ESPECIALIZADO

## Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher

Boletim eletrônico



DEFENSORIA PÚBLICA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Apresentação

Assuntos em  
destaque

### Colunas em destaque

- [Direito & Sociedade](#)
- [Jurisprudência](#)
- [Legislativo em Foco](#)
- [Panorama Internacional](#)
- [Panorama Nacional](#)
- [Mulheres em Movimento](#)
- [Opinião](#)
- [Agenda Cultural](#)

## **Apresentação**

A **74ª Edição** do Boletim Informativo do NUDEM apresenta um balanço geral sobre as ações desenvolvidas e apoiadas pelo NUDEM. Também, por meio do Boletim, pretendemos divulgar as ações e eventos realizados pelo NUDEM. Ressaltamos que o espaço do Boletim é aberto a todas (os) que queiram colaborar.

## **Editorial**

O Editorial desse mês foi elaborado pelas estagiárias de direito do NUDEM, que elaboraram textos a partir da proposta de expressarem suas ideias relacionadas ao mês da mulher.

Diante disso, cada uma apresentou os seguintes textos:

## A Hipocrisia do Mês da Mulher

No mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, não temos como falar em efetiva mudança para que alcancemos a tão desejada igualdade de gênero. Embora existam legislações com a finalidade de diminuir a desigualdade entre homens e mulheres, nós ainda fazemos parte de uma sociedade machista.

Camila Tavares

Estagiária de Direito do NUDEM

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Marielle Presente

Como não seria diferente, o mês de março, mês das mulheres, escancara – mais uma vez – como as mulheres são verdadeiramente tratadas na nossa sociedade.

No dia 14 de março de 2018 recebemos duas notícias extremamente tristes e revoltantes. Por um lado, diversas professoras da rede estadual de ensino foram brutalmente feridas durante um protesto pacífico realizado em frente à Prefeitura de São Paulo, reivindicando contra o corte dos já irrisórios salários desta categoria e, por outro, a vereadora do PSOL Marielle Franco, foi morta com 4 tiros na cabeça após fazer uma fala em um evento no Rio de Janeiro e depois de ter denunciado a truculência policial nas favelas cariocas 3 dias antes.

Viviana Catena

Estagiária de Direito do NUDEM

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## O feminismo negro e a sua importância

Março. Mês em que é comemorado no dia 08 o dia internacional da mulher. Mês em que é celebrado no dia 21 o dia internacional pela eliminação da discriminação racial. Mas o que acontece quando os dois dias unem duas lutas que se cruzam?

A mulher negra se vê enquadrada nas duas pautas de reivindicações. Por um lado, busca a igualdade de gêneros e pelo outro, busca a igualdade racial e a não discriminação por sua cor. A união das duas pautas coloca a mulher negra na base da pirâmide social. Sofre os preconceitos e discriminações por sua cor e seu gênero.

Luiza Massaro

Estagiária de Direito do NUDEM

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## O outro lado da perspectiva em relação à conquista da mulher o mercado de trabalho

Nos dias atuais, é impossível não notar que as mulheres de forma geral conseguiram muito mais espaço no mercado de trabalho. Trata-se de uma evolução e de uma conquista árdua de longos anos.

Hoje, podemos encontrar mulheres liderando e administrando empresas, conseguindo espaço na política, trabalhando no ramo artístico, inclusive, até na ciência ou simplesmente a cada dia mais, as jovens preferem conquistar sua estabilidade financeira, se tornarem independentes a quererem viver no “mundo encantado”, onde na teoria a mulher nasceu pra encontrar seu príncipe e viverem felizes para sempre, limitando-a a acreditar que apenas serve para cuidar dos afazeres domésticos e satisfazer seu homem.

Bruna Carvalho

Estagiária de Direito do NUDEM

*Leia na Íntegra:* [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

## Assuntos em destaque

### Direito& Sociedade

---

#### Assédio no trabalho: quando o machismo senta ao lado

Certa vez, enquanto Helena Morais (nome fictício para preservar a identidade da personagem), 44, arrumava o quarto, seu patrão a segurou pelas costas e disse que adorava mulheres de cabelos compridos. Em outro momento, ao cumprimentá-lo, teve que se defender para não ser beijada na boca à força. As cenas aconteceram ao longo dos 17 anos que Helena trabalha como empregada doméstica na mesma casa, em Perus, região noroeste de São Paulo.

A história, no entanto, não é um caso isolado na capital paulista. O estudo *“Viver em São Paulo — Mulher”*, lançado nesta quinta-feira (8/3) pela Rede Nossa São Paulo em parceria com o Ibope, ouviu 423 mulheres em toda a cidade, sendo a maioria da classe C. Desse total, 16% afirmaram que já sofreram algum tipo de assédio sexual no ambiente de trabalho. Além disso, 19% disseram que também foram vítimas de discriminação ou preconceito no emprego pelo simples fato de serem mulheres.

*Leia na Íntegra:* [clique aqui](#)

#### Cartilha distribuída por direção de hospital em Aracajú provoca revolta e protesto entre funcionárias

Uma cartilha contendo regras de comportamento distribuída no dia 8 de março como um 'presente' às funcionárias do Hospital Universitário, em Aracaju, provocou revolta e protesto.

O conjunto de normas aborda, dentre outras coisas, que as mulheres não podem se apresentar no local de trabalho com aspecto desleixado, o esmalte não deve ser vermelho e que o tom da maquiagem deve ser nudes. Ao todo são 49 regras, todas numeradas em uma espécie de bloco de anotações.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## **Estereótipos de gênero influenciam educação de meninas, diz pesquisa**

Toda criança carrega desde o primeiro respiro a expectativa: o que vai ser quando crescer? Embora seja uma pergunta ampla, as respostas, geralmente, vêm em caixas carregadas de estereótipos: uma rosa, se é menina, e uma azul, para o menino. Dentro da primeira, carreiras como professora, dançarina, enfermeira. Na segunda: engenheiro, cientista, matemático. Uma pesquisa realizada pela Cadeira Regional Unesco Mulher, Ciência e Tecnologia na América Latina (Flacso Argentina) e pela Associação Civil Chicos.net revela que o cenário evoluiu muito, mas ainda há pontos sensíveis que acabam refletindo em escolhas futuras das crianças.

O estudo, que é uma iniciativa da Disney Latinoamérica, aponta que os padrões construídos para gêneros — que afastam as mulheres de disciplinas relacionadas a ciência, tecnologia, engenharia e matemática, conhecidas (na sigla em inglês) como “Stem” e consideradas as “profissões do futuro” por 88% dos adultos consultados — são observados desde cedo, já dos 6 aos 10 anos.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Justiça Machista: brasileiras são condenadas pelo crime e pelo gênero

Tatiane foi condenada a 24 anos de prisão por omissão porque estava trabalhando quando seu marido matou o filho caçula. Ana Raquel pediu proteção à polícia e à Justiça contra o chefe violento oito vezes — e não foi atendida. Maria\* ficou com as marcas de um estupro no corpo, mas seu algoz foi absolvido porque desembargadores disseram que ela não gritou. Três histórias de mulheres marcadas pelo machismo da justiça brasileira.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Seis medidas para aumentar número de mulheres na política

A professora de Ciência Política da Universidade de Brasília (Unb) Flávia Biroli lista seis ações que podem aumentar a participação das mulheres na política.

“Seria importante que todos os partidos tivessem cotas nos cargos de direção. Os partidos hoje funcionam como um gargalo e repõem o domínio histórico masculino na política”, diz Flávia Biroli.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Uma mulher entre 100 vai à Justiça contra violência doméstica

Pesquisa realizada pelo Departamento de Pesquisas Judiciárias do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) identificou que, até o final de 2017, existia um processo judicial de violência doméstica para cada 100 mulheres brasileiras. São 1.273.398 processos referentes à violência doméstica contra a mulher em tramitação na justiça dos estados em todo o País.

Só em 2017 foram 388.263 casos novos de violência doméstica e familiar contra a mulher, 16% mais do que em 2016. O dado positivo é que a quantidade de processos julgados na Justiça aumentou: foram 440.109 processos concluídos em 2017, aumento de 19% em comparação a 2016.

Com isso, o total de casos pendentes permaneceu estável: 833.289 processos. Um dos motivos para o aumento do número de processos decididos é o programa “Justiça pela Paz em Casa”, no qual os tribunais estaduais concentram esforços durante três semanas do ano para julgar ações relativas a casos de violência doméstica e familiar contra a mulher.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Jurisprudência

---

### Condenação por violência doméstica contra a mulher pode incluir dano moral mínimo mesmo sem prova específica

Nos casos de violência contra a mulher ocorridos em contexto doméstico e familiar, é possível a fixação de valor mínimo de indenização a título de dano moral, desde que haja pedido expresso da acusação ou da parte ofendida, ainda que sem especificação do valor. Essa indenização não depende de instrução probatória específica sobre a ocorrência do dano moral, pois se trata de dano presumido.

A tese foi fixada pela Terceira Seção do Superior Tribunal de Justiça (STJ) ao julgar recursos especiais repetitivos (Tema 983) que discutiam a possibilidade da reparação de natureza cível por meio de sentença condenatória nos casos de violência doméstica. A decisão, tomada de forma unânime, passa agora a orientar os tribunais de todo o país no julgamento de casos semelhantes.

"A simples relevância de haver pedido expresso na denúncia, a fim de garantir o exercício do contraditório e da ampla defesa, ao meu ver, é bastante para que o juiz sentenciante, a partir dos elementos de prova que o levaram à condenação, fixe o valor mínimo a título de reparação dos danos morais causados pela infração perpetrada, não sendo exigível produção de prova específica para aferição da profundidade e/ou extensão do dano. O merecimento à indenização é ínsito à própria condição de vítima de violência doméstica e familiar. O dano, pois, é *in re ipsa*", afirmou o relator dos recursos especiais, ministro Rogério Schietti Cruz.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **STF garante mínimo de 30% do fundo partidário destinados a campanhas para candidatura de mulheres**

A decisão do Plenário foi tomada no julgamento de ação ajuizada pela PGR para questionar regra da Minirreforma Eleitoral que estabelece percentuais mínimo e máximo de recursos do Fundo Partidário para campanhas eleitorais de mulheres

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu, por maioria de votos, que a distribuição de recursos do Fundo Partidário destinado ao financiamento das campanhas eleitorais direcionadas às candidaturas de mulheres deve ser feita na exata proporção das candidaturas de ambos os sexos, respeitado o patamar mínimo de 30% de candidatas mulheres previsto no artigo 10, parágrafo 3º, da Lei 9.504/1997 (Lei das Eleições). No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 5617, o nesta quinta-feira (15), o Plenário decidiu ainda que é inconstitucional a fixação de prazo para esta regra, como determina a lei, e que a distribuição não discriminatória deve perdurar enquanto for justificada a necessidade de composição mínima das candidaturas femininas.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **TJ julga improcedente ação que buscava proibir trabalho de doulas em hospitais de SC**

O Órgão Especial do TJ julgou improcedente ação direta de inconstitucionalidade proposta pelo Sindicato dos Médicos do Estado, que visava proibir a permanência de doulas antes, durante e depois do trabalho de parto nos estabelecimentos hospitalares de Santa Catarina. Para isso, a entidade pleiteava, em medida cautelar, a suspensão da eficácia do artigo 1º da Lei nº 16.869/2016, aprovada na Assembleia Legislativa, que estabelecia essa permissão.

O sindicato argumentou que as doulas não possuem sequer regulamentação profissional e são completamente alheias ao ambiente hospitalar. O desembargador Luiz Cezar Medeiros, relator do acórdão, afirmou que a norma questionada apenas objetiva assegurar à mulher, caso deseje, a presença de uma doula para auxiliá-la no trabalho de parto, sem prejuízo do direito de outros acompanhantes. Ele afirmou ainda que a lei não regulamenta a profissão de doula, mas apenas dispõe sobre limites para sua atuação dentro das entidades de saúde, possibilitando a cada profissional o desempenho das funções que lhe cabem.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## **Legislativo em Foco**

---

### **Projeto de lei propõe cotas para cargos da administração pública de Florianópolis**

A desigualdade de gênero no mundo do trabalho ainda é uma constante no cenário brasileiro. É o que afirma o estudo publicado em 7 de março pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa intitulada “Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil” aponta que as mulheres recebem cerca de 3/4 da remuneração recebida pelos homens. Esse dado se intensifica quanto maior o grau de instrução, revelando que mulheres trabalhadoras com curso superior recebem 63,4% do que ganham os homens.

Considerando este quadro, uma Proposta de Emenda à Lei Orgânica foi protocolada na Câmara de Vereadores de Florianópolis com o objetivo de estabelecer cotas de gênero no serviço público de autoria do vereador Lino Peres (PT), a matéria pretende determinar percentual mínimo de 30% e máximo de 70% para cada sexo em cargos na administração pública direta e indireta do município.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Panorama Internacional

---

### A menina de 13 anos que conseguiu impedir seu próprio casamento

Índia continua sendo o país com maior número de casamentos de meninas menores de 18 anos, mesmo tendo uma legislação que proíbe esse tipo de matrimônio.

Mas casos como o de Monika demonstram que a situação pode estar mudando: ainda que de forma lenta, as vozes dessas garotas começam a ser ouvidas.

A repórter da BBC Naomi Grimley viajou a Bikaner, no noroeste da Índia, para contar a história de Monika.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## América Latina fica sem presidentas

Os palácios presidenciais da América Latina ficam sem presidentas. Com a passagem do bastão de comando no Chile nesse domingo (11/03), que foi da socialista Michelle Bacheleta Sebastián Piñera, se encerra uma etapa com uma destacada representação na qual quatro mulheres chegaram a comandar seus países ao mesmo tempo na região.

O fim da era Bachelet, que foi presidenta em dois períodos, o primeiro entre 2006-2010 e esse último que começou em 2014, finaliza uma etapa de referência: a das mulheres governantes latino-americanas. Quando Bachelet ocupava o Palácio da Moneda, a brasileira Dilma Rousseff (2011-2016) governava no Palácio do Planalto, a argentina Cristina Kirchner (2007-2015) na Casa Rosada e na Casa Presidencial da Costa Rica, Laura Chinchilla (2010-2014), um fato sem precedentes nessa parte do mundo.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## As lições da Islândia no combate à diferença salarial entre homens e mulheres

"Islândia torna ilegal pagar às mulheres menos que os homens", afirmaram as manchetes em janeiro, em meio a uma enorme comemoração nas redes sociais.

Mas a realidade é que na maioria dos países já é ilegal pagar menos às mulheres em relação aos homens. De Rússia a Ruanda, é contra a lei. A maioria das nações (e não apenas na Escandinávia, o paraíso do trabalhador) tem algum tipo de lei antidiscriminatória há décadas.

No entanto, até mesmo a otimista Pat Milligan, líder global da consultoria multinacional Mercer, citou algumas descobertas frustrantes do último relatório do Fórum Econômico Mundial.

Os resultados apontam um recuo na igualdade de gênero nos setores de saúde, educação, política e mercado de trabalho pela primeira vez desde 2006. Segundo cálculos do Fórum, uma diferença de 32% ainda persiste, e o retrocesso se deve em parte a um declínio da igualdade de gênero no trabalho.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Conheça a 1ª Emissora de TV composta apenas por jornalistas mulheres no Afeganistão

São 4 horas da manhã e ainda está escuro em Cabul. Shabana Noori, de 22 anos, pula da cama. A âncora e estrela da TV Zan tem de chegar ao trabalho às 6 horas. Zan, cujo nome significa “mulher” em dari (nome local do idioma persa no Afeganistão), é a primeira e única emissora de TV no Afeganistão para mulheres, composta por uma equipe de jornalistas totalmente feminina, a maioria com vinte e poucos anos.

Lançada na capital afegã em maio passado, o canal aborda de tudo, desde cosméticos (banidos pelo Talibã) até mulheres nos esportes (proibido por algum tempo), passando por violência doméstica (tragicamente ainda muito comum). Até agora, nunca tinha existido um programa – que dirá uma emissora inteira – focada nas questões femininas.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## França passa a multar assédio nas ruas e no transporte em até R\$ 3 mil

Gestos abusivos, assobios e comentários obscenos no espaço público passarão a custar caro a partir desta terça-feira na França. O porta-voz do governo federal, Benjamin Griveaux, anunciou a implementação de uma multa de ao menos 90 euros (R\$ 361) por abuso sexual nas ruas e no transporte do país. A sanção pode chegar ao equivalente a R\$ 3 mil.

A decisão estabelece a imposição de uma multa de entre 90 e 750 euros (R\$ 3 mil) para "qualquer proposta, comportamento ou pressão de índole sexista ou sexual". O valor da sanção vai depender da rapidez com que o acusado pagar a infração.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Na Síria, mulheres são exploradas sexualmente em troca de ajuda humanitária

Mulheres que enfrentam o conflito na **Síria** têm sido exploradas sexualmente em troca de ajuda humanitária que deveria ser concedida gratuitamente por agências de socorro. Desde 2015, diversos relatos de abusos envolvendo chantagem praticadas por funcionários de órgãos humanitários e mulheres vulneráveis à situação de guerra têm surgido no país — com especial recorrência para parceiros terceirizados locais que grandes organizações internacionais mantêm no país, de acordo com estudo publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) sobre violência de gênero na Síria, divulgado pela BBC.

"Mulheres divorciadas e viúvas estão no grupo de risco para a violência sexual. Nós ouvimos alguns casos sobre mulheres sendo exploradas durante a distribuição de suprimentos. Alguns agentes podem pedir número de telefone ou dar uma carona esperando 'algo em troca'", afirma uma mulher do distrito de Nawa, não identificada no documento por razões de segurança.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Panorama Nacional

---

### Como a morte de Marielle afeta as próximas eleições

Menos de 48 horas após a morte de Marielle Franco, entrevistar lideranças negras de favelas do Rio de Janeiro não foi das tarefas mais fáceis. Vozes pesarosas e pensamentos meio desordenados permeavam os relatos de pessoas que conheciam ou se sentiam representados pela vereadora, assassinada na última quarta-feira (14). "Desculpe, ainda está difícil de organizar as ideias", engasgou Lana de Souza, favelada do Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio, e membro do Coletivo Papo Reto, que atua na área.

Ativistas, políticos e moradores demonstram sensações distintas sobre o impacto da morte da parlamentar na cena política do país e em seus próprios futuros. Maria Morganti, repórter de 26 anos da ONG Redes da Maré, favela de onde saiu Marielle, resume o que espera das urnas para mulheres negras em 2018: “Medo, só medo”. Ela, que nunca pensou em entrar para a política, embora encorajada pela mãe, diz que a perda da vereadora só reafirmou sua posição. “Quando Marielle foi eleita, estávamos felizes. Foi uma surpresa, porque nem os mais otimistas poderiam imaginar uma representação nossa na Câmara Municipal. Mas isso custou sua vida, que é a minha também”, afirma, com desalento.

Após o assassinato, Maria vê em um horizonte distante o aumento da representatividade de mulheres, negros e favelados. Ela acredita que as forças dominantes no poder, tão afastadas da realidade das periferias, ainda terão muito tempo de hegemonia no cenário político: “Vamos precisar de alguns séculos, fortalecendo a nossa base, com educação para as classes C, D e, preta, favelada, para depois ocupar um cargo como o da Marielle. Para a gente, resta estudar e analisar como eles fazem, para então aprender a jogar o jogo a favor da equidade social”.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## **Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados**

Doze mulheres são assassinadas todos os dias, em média, no Brasil. É o que mostra um levantamento feito pelo **G1** considerando os dados oficiais dos estados relativos a 2017. São 4.473 homicídios dolosos, sendo 946 feminicídios, ou seja, casos de mulheres mortas em crimes de ódio motivados pela condição de gênero.

Trata-se de um aumento de 6,5% em relação a 2016, quando foram registrados 4.201 homicídios (sendo 812 feminicídios). Isso sem contar o fato de alguns estados ainda não terem fechado os dados do ano passado, o que pode aumentar ainda mais a estatística.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Morta por ser lésbica: um dossiê inédito sobre o lesbocídio no Brasil

**ANA MICKAELLY** foi morta a facadas pelo sogro ao pedir a namorada em casamento. No ano passado, as namoradas Meiryhellen Bandeira e Emilly Pereira foram assassinadas a tiros por um vizinho que não aprovava a relação. Luana Barbosa morreu após ter sido espancada por Policiais Militares ao se recusar a ser revistada por homens. Esses são alguns exemplos de crimes de ódio praticados contra lésbicas em todo o Brasil, número que aumenta a cada ano, de acordo com o Dossiê Sobre Lesbocídio que o Núcleo de Inclusão Social da UFRJ divulga nesta quarta-feira.

Em 2014, foram registradas 16 mortes. Em 2017, o número passou para 54 – um aumento de 150% de casos em quatro anos. Só nos dois primeiros meses de 2018, já foram registradas 26 mortes por lesbocídio. Por não haver dados oficiais, os crimes são coletados na mídia e nas redes sociais, o que acaba gerando subnotificação. Os números podem ser ainda maiores que os apresentados.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Negras têm salários menores e menos chances de ascender

Embora as mulheres já tenham superado os homens no acesso ao ensino superior, a participação delas em cargos de liderança caiu nos últimos anos. Essa incongruência, que afeta a população feminina em geral, é ainda mais severa quando se trata das mulheres negras. Se para as brancas a queda na ocupação de postos de gerência foi de 1,2 ponto percentual entre 2012 e 2016 — passando de 39,7% para 38,5% dos cargos —, para as negras foi de 4,7 pontos no mesmo período — caindo de 39,2% para 34,5%. As mulheres negras também têm salários menores, tanto em relação a homens e mulheres brancos quanto em relação a homens negros. Esses dados, na avaliação de especialistas, evidenciam que há pouco o que comemorar sobre igualdade no mercado de trabalho neste Dia Internacional da Mulher.

O levantamento, divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi feito a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e integra a primeira publicação sobre estatísticas de gênero já realizada pelo instituto com base em 38 indicadores estipulados pelas Nações Unidas.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **Presídios femininos: o descaso com saúde e alimentação de grávidas e crianças**

A real situação das presas gestantes e lactantes está sendo conhecida em detalhes pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Uma equipe designada pela ministra Carmen Lúcia, presidente do órgão, esteve, de 18 de janeiro a 23 de fevereiro, em 22 estabelecimentos penais, em 15 estados e no Distrito Federal, verificando o tratamento dado aos bebês, às gestantes e às lactantes. A dificuldade no acesso à saúde da mãe e da criança foi constatada em todos os presídios femininos visitados.

A equipe do CNJ conheceu pessoalmente 311 das 622 mulheres nessas condições, dentro dos presídios. Encontrou mães e bebês em acomodações precárias e recebendo alimentação inadequada, além de unidades com crianças ainda sem o registro de nascimento. Na maioria dos locais visitados, constatou-se não haver ginecologistas ou obstetras acessíveis para o atendimento pré-natal das grávidas, nem pediatras disponíveis para os recém-nascidos que vivem nas cadeias brasileiras.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **Quase metade dos feminicídios em SP ocorre por separação, aponta MP**

Um estudo feito pelo Ministério Público revela que 45% dos casos de feminicídio no estado de São Paulo ocorrem por separação ou pedido de separação. O levantamento "Raio X do Feminicídio" mapeou onde, quando e por que esses crimes acontecem.

Feminicídio é o termo usado para o assassinato de mulheres por causa do gênero – ou seja, a mulher é morta, geralmente pelo namorado, marido ou ex-companheiro, por ser mulher e não conseguir se defender.

Segundo o “Raio-X do Feminicídio”, em São Paulo 45% dos crimes ocorreram por separação ou pedido de separação, 30% por ciúmes ou posse e 17% em meio a uma discussão.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **Salário mais baixo para as mulheres reduz o crescimento do país**

Com cinco anos de carreira, a analista de logística Laíse Pereira, 26, recebe menos que o marido, o estatístico Rafael Ribeiro dos Santos, 29, ganhava com um ano de formado.

"Vejo a batalha dela e não me conformo. Sinto na pele a vantagem de ser homem branco em relação a ela, que, além de mulher, é negra", diz ele.

"Sei que a formação importa. O Rafael estudou na USP, sei que a área também influencia. Mas acho que nada justifica a discrepância tão grande", afirma ela, que fez administração na Unip e pós-graduação no Senac.

Ciente do impacto da desigualdade sobre o orçamento do casal --que ainda não tem filhos--, o estatístico começou a refletir sobre esse custo para a sociedade e resolveu pesquisar o tema durante o mestrado em economia no Insper.

Os resultados da tese recém-concluída confirmaram suas suspeitas: a discriminação contra a mulher no mercado de trabalho reduz o crescimento econômico.

Segundo o estudo, entre 2007 e 2014, cada 10% de aumento na diferença entre salários --que tenha relação com o preconceito de gênero -- reduziu em cerca de 1,5% a expansão do PIB per capita dos municípios brasileiros.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Violência obstétrica atinge 25% das mulheres no Brasil

Entre a internação de Juliana Reis, 36, então grávida do seu primeiro filho, Paulo, em uma maternidade pública, e o nascimento dele, se passaram mais de 36 horas. A situação, que já era delicada porque ela não tinha dilatação para um parto normal, ficou ainda pior devido ao tratamento que recebeu. Juliana relata que o hospital não permitiu a entrada de seu marido na sala de pré-parto, que cada exame de toque era feito por quatro pessoas – o médico plantonista, uma médica professora e dois estudantes de medicina –, recebeu medicamentos de indução do parto sem saber do que se tratava, teve os braços amarrados durante o trabalho de parto e ainda foi xingada pela equipe médica pela demora na evolução do quadro. “Eu me senti um lixo em um momento que era para ter sido mágico”, lembra.

Tudo que ela passou tem nome – violência obstétrica – e atinge cerca de 25% das grávidas do país de acordo com pesquisa da Fundação Perseu Abramo divulgada no site da Organização Não Governamental (ONG) Artemis, que trata de violência doméstica e obstétrica. O tema também está em discussão na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), onde tramita um projeto de lei que pretende obrigar hospitais e maternidades a fixarem cartazes em locais visíveis informando as práticas que são consideradas violência obstétrica. “Muitas vezes, nem a mulher tem ideia de que está sofrendo esse tipo de violência”, diz a deputada Geisa Teixeira (PT), autora do projeto e vice-presidente da Comissão Extraordinária das Mulheres.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Violência policial: o impacto (e a reação) das mulheres negras

A violência policial é uma realidade nas vidas das pessoas negras. Tanto no Brasil, quanto nos EUA isso é um problema de reconhecimento e notoriedade internacional. Contudo, essa questão não para somente nessas duas localidades. As pessoas com tom de pele mais escura sofrem uma série de discriminações e são vítimas de excessos e desconfianças. A segurança é racializada, tanto na definição de quem é a ameaça e de quem deve ser protegido.

Existe uma problemática internacional do perfil do criminoso. Há uma série de características que foram atribuídas à pessoa ameaçadora e perigosa, que muito se relaciona com uma dimensão racial. Populações inteiras foram estereotipadas e tornaram-se incorporadas nessa categorização. A exemplo disso, há os árabes e muçulmanos com a associação com o terrorismo, os negros com o perigo diário do estuprador, assaltante e criminoso ordinário, dentre outros.

Esses não são problemas de racismo nacional. É uma ideia que extrapola para o cenário internacional e interfere na vida e nas dinâmicas sociais em diversas localidades do mundo.

Tal perfilação e as consequências dessas associações raciais a características e comportamentos negativos afetam não somente os indivíduos específicos alvos desses estereótipos, mas também aqueles que os cercam.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Mulheres em Movimento

---

### O 8M pelo Brasil

O 8M Brasil mobilizou milhares de mulheres em todas as regiões brasileiras. De norte a sul, elas foram às ruas, contra a violência de gênero e o impacto de medidas como as reformas trabalhista e previdenciária na vida das brasileiras. A unidade de uma série de movimentos sociais e as intervenções performáticas marcaram a maioria das manifestações, promovendo as reivindicações a partir de uma estética que caracteriza o atual ciclo dos movimentos de mulheres e feministas brasileiros.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

### Jovens feministas do Nordeste

A pobreza que assola os estados do Maranhão e Piauí refletem diretamente na qualidade de vida de meninas e mulheres, muitas vezes cooptadas à exploração sexual, resultando em violência de gênero, gravidez na adolescência e casamento infantil. O cenário está mudando. O boom do feminismo nos últimos anos sai dos centros urbanos e se expande para as zonas rurais.

A VICE foi até esses dois estados, que figuram, respectivamente, no primeiro e quarto lugar dos mais pobres do país, entender como jovens mulheres têm se organizado e lutado para que suas vidas e das gerações futuras vivam tempos melhores.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## **Mulher assume direção da Poli-USP pela primeira vez em 124 anos**

Ao chegar à sala de aula da Escola Politécnica da USP, em 1977, a estudante Liedi Bernucci, então com 19 anos, ouviu de um professor: “Mulher não deveria entrar na engenharia, porque o que elas querem é casar e acabam roubando a vaga de um homem”.

É verdade que Liedi se casou, tempos depois, e também “roubou a vaga” de um homem, por assim dizer: tornou-se a primeira mulher a assumir a diretoria da Poli, uma das principais escolas de engenharia do país, após 124 anos de chefia masculina.

O episódio em sala de aula poderia ter feito a estudante desistir, mas Liedi seguiu o conselho da mãe: “A melhor resposta é seguir em frente”.

Com 59 anos, ela foi eleita nesta quarta-feira (7/3) para o cargo máximo administrativo da Poli, uma instituição com 452 docentes e mais de 8.000 estudantes.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **Primeira professora negra no ITA, Sônia Guimarães cobra igualdade para mulheres: conservadorismo já não é mais capaz de nos parar”**

Sônia Guimarães foi a primeira mulher negra professora no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) de São José dos Campos. Ela entrou para a sala de aula do ITA quando as mulheres ainda não eram aceitas no vestibular da instituição militar mais tradicional do país.

As roupas coloridas e a risada alta contrastam com os corredores silenciosos dos laboratórios e com as fardas azuis dos militares da instituição. Professora de física há 26 anos no ITA, ela também é pesquisadora na área - onde a presença feminina é ainda menor.

(...)Mais de vinte anos depois, o número de mulheres é ainda restrito – entre os 110 aprovados em 2018, apenas sete eram meninas. Nos últimos cinco anos, o ITA recebeu 700 alunos e desses apenas 60 eram mulheres, segundo os dados do próprio instituto.

“É uma instituição conservadora, masculina e branca. Mas aos poucos estamos ganhando espaço. Isso tudo era restrito e anos de exclusão são revertidos aos poucos”.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Opinião

---

### **Bianca Santana, a pesquisadora que busca romper o silenciamento das mulheres negras**

Era uma semana de luto. Alguns dias após o assassinato da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, Bianca Santana, 33 anos, pesquisadora e escritora, recebeu a reportagem em sua casa, em São Paulo.

Disse que desmarcou todos os compromissos que tinha, mas queria dar a entrevista. "Eu estou de luto. Mas estou falando hoje porque se trata de não silenciamento." É o que ela percebeu. Já há algum tempo, na verdade.

"Estamos acostumadas com uma estratégia de silenciamento para que as nossas pautas deem certo. Já fiz muito isso, mas não quero mais. O silenciamento não dá mais, nem como estratégia. Pode ter nos ajudado a chegar até aqui, mas agora não dá."

Parte desse silêncio Bianca começou a quebrar com a escrita. Seu livro, *Quando me descobri negra* (SESI-SP), de 2015, nasceu de textos que ela publicava na internet sobre questões pessoais, devaneios, a morte do pai — que nunca havia contado nem mesmo para os melhores amigos —, a existência de um irmão — que escondeu até do marido.

*Leia na Íntegra:* [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

## É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora

A escritora Conceição Evaristo mal se lembra de ter referências masculinas ao seu redor em seus anos de formação, crescendo cercada de mulheres negras que trabalhavam como cozinheiras, lavadeiras e empregadas, profissões tão humildes como a casa pobre em que vivia com a mãe e os nove irmãos e irmãs na favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte.

Foi com essas mulheres, que completaram a alfabetização junto com a nova geração de filhos e sobrinhos que chegava, que ela teve sua formação - e aprendeu a lição de fortaleza.

Não a fortaleza folclórica que por vezes se atribui a "um povo negro que não sente dor, que está sempre a cantar, que tem uma alegria já por herança", crítica, e sim a fortaleza da resiliência "que nos agrega" e "que nos salva".

A escritora mineira, que hoje vive em Macaé (RJ), está prestes a embarcar para Paris, onde vai lançar a edição francesa do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e participar de mesas literárias no Salão do Livro de Paris.

*Leia na Íntegra:* [clique aqui](#)

## Marta gaia, a doula que traduz as emoções das novas mães

O tom de voz já deixa claro. Ela não fala baixo. Fala de um jeito meio manso, que te faz prestar atenção e acolhe ao mesmo tempo. E é assim que ela te olha também. Aquele sorriso leve nos olhos transmite calma, sem esforço nenhum. Talvez seja coisa de quem está acostumada mesmo a cuidar dos outros.

Marta Gaia, 62 anos, doula e assistente social, faz isso desde sempre. Aprendeu cedo a olhar desse jeito, principalmente para a relação de uma mãe com seu bebê recém-nascido.

"A coisa mais bonita que já ouvi falar de neném foi da minha mãe. Ela falava que o mundo era muito bonito, mas estava coberto por uma cortina de voil e, quando ela teve o primeiro filho, tiraram essa cortina. O filho traz pra mãe e para o mundo uma cor diferente."

O mundo de Marta ganhou cores novas 4 vezes. Mãe de 4 mulheres, ela enxerga muito bem. Mas antes mesmo disso, já atuava com mães e bebês. Aos 23 anos acompanhava funcionárias da empresa em que trabalhava que tinham acabado de ter filhos.

E esse tipo de trabalho só se intensificou ao longo da vida. Marta atuou no Amparo Maternal, maternidade gratuita localizada em São Paulo, em um abrigo com adolescentes grávidas e depois voltou a fazer visitas domiciliares por todo o Brasil a funcionárias de uma empresa. Sempre com esse foco na relação mãe-bebê e no acolhimento da mulher nessa fase.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## Gina Ponte: a educação reescreve histórias

A percepção de que as alunas de escolas públicas de Ceilândia, periferia do Distrito Federal, estavam expostas quase que exclusivamente a modelos femininos valorizados somente por atributos sexuais levou a professora Gina Vieira Ponte, 46 anos, a criar uma forma de mudar as fontes de inspiração das

meninas. “Não há problema em querer ser bonita, desde que se compreenda que esse não pode ser o único papel desempenhado na sociedade, porque isso reduz as mulheres a objetos sexuais”, afirma.

Foi assim que nasceu o projeto Mulheres Inspiradoras, em 2014, que convidou alunas e alunos a pesquisar a trajetória de personalidades conhecidas, como a escritora Carolina de Jesus e as ativistas Malala e Rosa Parks, e de mulheres do convívio deles. “A ideia de juntar nomes conhecidos e anônimos foi mostrar que qualquer uma – branca, negra, periférica – pode construir uma grande história”, diz.

O trabalho foi transformado em livro em 2016. “Depois da iniciativa, o mais emocionante foi ouvir que algumas das retratadas reavaliaram a vida e agora sabem que são inspiradoras”, diz a professora. “São mulheres pouco valorizadas, que estão fazendo uma revolução silenciosa”.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## “Queríamos na Constituição: homens e mulheres são iguais. A palavra todos era pouco”

Uma reflexão sobre o Dia Internacional da Mulher, na perspectiva das brasileiras, poderia passar pela lembrança das datas de algumas conquistas de cidadania. O direito ao voto foi obtido há 86 anos. O de frequentar a universidade, há 137. A primeira lei brasileira a criminalizar a violência doméstica tem apenas 12 anos.

No plano constitucional, o princípio da igualdade entre homens e mulheres aparece de forma genérica pela primeira vez na Constituição Brasileira de 1934. No entanto, somente com a Constituição de 1988 o ele se estendeu a todos os direitos e obrigações, inclusive à propriedade. Até o início do século 20, as mulheres eram legalmente dependentes do pai e, depois de casadas, do marido, perante o qual tinham o mesmo status legal que os filhos.

“Parece que não é nada, mas a Constituição anterior e a que estava sendo escrita [a de 1988], diziam: ‘Todos são iguais perante a lei’. Nós brigamos muito nos corredores, foram muitos dias e horas e conversas, porque queríamos que explicitassem: ‘Homens e mulheres são iguais perante a lei’. ‘Todos’ era pouco pra gente, ‘todos’ são sempre os homens”, disse Schuma Schumacher, em entrevista ao **Nexo**.

Schuma é coordenadora da REDEH, a Rede de Desenvolvimento Humano e integrante da Articulação de Mulheres Brasileiras. Participou da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-88 e é autora de livros sobre as mulheres brasileiras, entre eles “Mulheres No Poder - Trajetórias na Política a Partir da Luta das Sufragistas do Brasil” e “Dicionário mulheres do Brasil - de 1500 até a atualidade”.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## 8 de março e a intervenção militar: a alegoria colonial do Brasil futurístico

“Agora eu estou acordada para o mundo. Eu estava dormindo antes. É assim que deixamos isso acontecer. Quando abateram o Congresso, nós não acordamos. Quando eles culpavam terroristas e suspenderam a Constituição, nós também não acordamos. Eles disseram que seria temporário. Nada muda espontaneamente. Em uma banheira de aquecimento gradual, você é fervido até morrer antes de perceber”

A reflexão é da personagem Ofred, da série *The Handmade's Tale* (“O conto da aia”, ou da criada, em português), em que, diferentemente da maioria das narrativas imagéticas sobre o poder, as mulheres oprimidas são brancas, de olhos claros, norte-americanas, de classe média. Na história, essas mulheres são escravizadas por famílias abastadas – um projeto justificado publicamente pela necessidade de salvar o planeta e, nos bastidores do poder, pela necessidade de gestão das populações, dos úteros, da força de trabalho e dos conhecimentos.

A série, baseada no livro de mesmo nome escrito por Margaret Atwood em 1985, é classificada como “futuro distópico”, conceito em moda na atualidade que abriga muitos outros sucessos, como *Black Mirror* e *Colony*, ao que o El País caracterizou como “A nova era dourada das distopias”. Mas se a distopia é uma ficção anti-utópica, um futuro totalitário e violento *imaginado*, é só olhar um pouco mais além dos corpos brancos das atrizes hollywoodianas

para identificar um padrão de sociedade que nada tem de fictício ou futurístico: para as mulheres negras, africanas na diáspora – e para outras mulheres não brancas de diversas nações e etnias –, esse enredo é uma evidência histórica, uma experiência real e tragicamente presente desde o período colonial até a atualidade.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## Agenda Cultural

---

### 3 documentários para entender que falar sobre aborto é falar sobre garantia de direitos

1 em cada 5 mulheres até 40 anos já fez, pelo menos, um aborto no Brasil, segundo estimativa da PNA (Pesquisa Nacional do Aborto). Mas por trás dos dados, estão as histórias de mulheres que, mesmo com o aborto ainda sendo criminalizado no Brasil, provam que falar sobre o tema perpassa opiniões, conceitos de "certo" e "errado", de "contra" e "a favor".

"Vivemos em uma década em que houve uma maior criminalização do aborto, somadas à redução dos números de aborto legal, casos de mulheres mortas em decorrência de um aborto inseguro, mulheres denunciadas à polícia por procurar o sistema de saúde", afirma Debora Diniz, antropóloga e coordenadora da PNA.

As histórias dessas mulheres estão retratadas em três documentários selecionados pelo HuffPost Brasil que discutem a questão sob diferentes perspectivas: o aborto que acontece mesmo quando é ilegal, a dificuldade de garantir esse direito até quando o feto é anencéfalo e o dia a dia de médicos que trabalham com este tipo de procedimento nos Estados Unidos e que são igualmente perseguidos, como em países que o aborto ainda não é autorizado por Lei.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

## “A Forma da Água” é o 1º filme sobre mulher a ganhar Oscar principal desde 2005

A vitória de *A Forma da Água* no [Oscar 2018](#) representou a primeira vez em que um filme centrado em mulheres ganhou o troféu principal desde 2005, o ano que premiou *Menina de Ouro*, de Clint Eastwood.

O longa de Guillermo del Toro é protagonizado por Sally Hawkins, que interpreta Elisa, faxineira de um laboratório secreto americano durante a Guerra Fria. Hawkins disputou o Oscar de [melhor atriz](#) e Octavia Spencer, o de [atriz coadjuvante](#).

Em 2018, quatro dos nove indicados a melhor filme eram centrados em mulheres, o melhor índice desde 2009, quando o Oscar adotou o sistema de votação preferencial e a categoria passou a poder ter mais de cinco concorrentes.

*Veja os Vídeos na Íntegra:* [clique aqui](#)

[Voltar ao menu](#)

## A nova colunista do “Nexo”, Giovana Xavier, indica 5 livros para refletir sobre os ativismos feministas no Brasil

O que é feminismo? É possível defini-lo de uma só forma? Quem são as vozes autorizadas a narrá-lo? Quando nos distanciamos da história única, feminismo relaciona-se à luta por igualdade entre as pessoas. Uma categoria que deve ser pensada no plural porque parte de sujeitos e experiências distintas, que demonstram a impossibilidade de pensar mulher como conceito universal. Isso fica evidenciado pelas narrativas dos feminismos negros, dos transfeminismos, dos ecofeminismos, entre outros.

Em meio a tantas variáveis, deparo-me com a difícil tarefa de chegar a uma lista de cinco livros. Após algumas noites em claro, visitas constantes às estantes físicas, virtuais e alguns exercícios de escavação da memória, cheguei a um resultado. Sua configuração fez-me pensar o quão importante é

aprofundarmos o entendimento de que escolher não significa necessariamente preterir. Escolher também diz respeito a iluminar aspectos, temas, características que consideramos mais importantes em determinado momento histórico, em certo período de nossas vidas.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

## **Rupi Kaur: “Apesar das diferenças culturais, as questões das mulheres são universais”**

Com voz e gestos suaves, Rupi Kaur explica que o que conta em seus poemas e ilustrações são coisas universais, que acontecem com muitas pessoas. Seu primeiro livro de poemas *Outros jeitos de usar a boca* foi traduzido para mais de trinta línguas e vendeu 100 mil exemplares só no Brasil. Agora, aos 24 anos, a jovem, que nasceu no Punjab (Índia) e emigrou para Toronto (Canadá), aos três anos de idade, tem seu segundo livro *O que o Sol faz com as flores* traduzido para português também pela editora Planeta.

Ao EL PAÍS, Kaur, durante um evento literário em Barcelona, no ano passado, disse utilizar a poesia para denunciar a discriminação sofrida pela mulher, especialmente no âmbito sexual, e sua luta na busca do amor. “Comecei a escrever o primeiro livro pensando em um público de mulheres jovens asiáticas ou emigradas, como eu. No início funcionou assim. Mas, à medida que viajava pelo Canadá e pelos Estados Unidos e lia os poemas em festivais, ia vendo cada vez havia mais mulheres ocidentais. Foi uma surpresa, mas logo percebi que eram questões universais e, apesar das diferenças culturais e sociais, há muitos pontos em comum”. Agora, assim como no volume de estreia, em *O que o Sol faz com as flores* os temas das poesias e ilustrações circulam ao redor de temas como amor, infanticídio, depressão, perda e abuso sexual e psicológico.

*Leia na Íntegra: [clique aqui](#)*

[Voltar ao menu](#)

[O Boletim eletrônico do NUDEM: Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher](#) destina-se à comunicação interna da Defensoria Pública do Estado de São Paulo e suas parceiras. Produzido pelo Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Assessoria de Imprensa. Para mais informações, contate [nucleo.mulher@defensoria.sp.def.br](mailto:nucleo.mulher@defensoria.sp.def.br)

**Atenciosamente,**

**Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM)**

Rua Boa Vista, nº 103, 4º andar, Centro

Tel.: (11) 3101 0155

Cep: 01014-001 São Paulo, SP

Home Page: [www.defensoria.sp.def.br](http://www.defensoria.sp.def.br)

E-mail: [nucleo.mulher@defensoria.sp.def.br](mailto:nucleo.mulher@defensoria.sp.def.br)